



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
FACULDADE DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LINGUA PORTUGUESA**

RAYANE BATISTA VIEIRA

**A CONSTRUÇÃO DA LOUCURA ATRIBUÍDA À MULHER NO DISCURSO DA
PERSONAGEM ISABEL EM CARTA À RAINHA LOUCA, DE MARIA VALÉRIA
REZENDE.**

**CAMPINA GRANDE
2024**

RAYANE BATISTA VIEIRA

**A CONSTRUÇÃO DA LOUCURA ATRIBUÍDA À MULHER NO DISCURSO DA
PERSONAGEM ISABEL EM CARTA À RAINHA LOUCA, DE MARIA VALÉRIA
REZENDE.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Profa. Dra. Ana Lucia Maria de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V657c Vieira, Rayane Batista.

A construção da loucura atribuída à mulher no discurso na personagem Isabel em *Carta à Rainha Louca*, de Maria Valéria Rezende. [manuscrito] / Rayane Batista Vieira. - 2024.

20 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2025. "Orientação : Profa. Dra. Ana Lucia Maria de Souza Neves , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Loucura. 2. Análise literária. 3. Gênero feminino. I.

Título

21. ed. CDD 801

RAYANE BATISTA VIEIRA

A CONSTRUÇÃO DA LOUCURA ATRIBUÍDA À MULHER NO DISCURSO DA
PERSONAGEM ISABEL EM CARTA À RAINHA LOUCA, DE MARIA VALÉRIA
REZENDE.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do curso de
Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada
em Letras Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 27/03/2024.

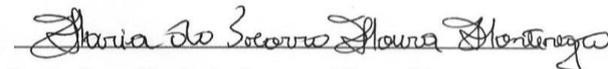
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

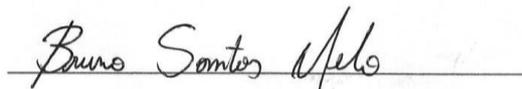
Orientadora



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro.

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Examinadora



Profa. Ms. Bruno Santos Melo

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

CAMPINA GRANDE
2024

A Manoel Vieira (in memoria), DEDICO.

“Com licença poética
Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra
homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.”

(Adélia Prado)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	MARIA VALERIA REZENDE POR ELA MESMA.....	8
3	BREVES REFLEXÕES SOBRE DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DA LOUCURA NA HISTÓRIA DAS MULHERES	11
4	ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA LOUCURA ATRIBUÍDA ÀS MULHERES NA FALA DA PERSONAGEM ISABEL.....	13
4.1	Quem é Isabel.....	13
4.2	Loucura ou transgressão: análise interpretativa do discurso da personagem Isabel.....	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
	REFERÊNCIAS	18

A CONSTRUÇÃO DA LOUCURA ATRIBUÍDA À MULHER NO DISCURSO DA PERSONAGEM ISABEL EM CARTA À RAINHA LOUCA, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

THE CONSTRUCTION OF MADNESS ATTRIBUTED TO WOMEN IN THE DISCOURSE OF CHARACTER ISABEL IN A LETTER TO THE MAD QUEEN, BY MARIA VALÉRIA REZENDE

Rayany Batista Vieira*

RESUMO

Este artigo analisa o discurso da personagem Isabel das Santas Virgens, protagonista do romance *Carta à Rainha Louca* (2019), de Maria Valéria Rezende. A personagem constrói seu discurso a partir de ideias e atitudes emancipatórias entrando em conflito com a sociedade da época marcada pelo sistema patriarcal. Presa em um convento, a protagonista escreve cartas à rainha de Portugal Maria I, considerada a “Rainha louca”. Nas cartas Isabel denuncia a arbitrariedade dos representantes da coroa portuguesa contra as mulheres, os escravizados e os menos favorecidos em geral. A fundamentação teórica se baseou nos postulados de Bakhtin (1986, 2008) sobre discurso de outro; Foucault (1978), Engel (2004) e Telles (1988) sobre a loucura atribuída historicamente às mulheres. O objetivo do trabalho é mostrar, por meio da análise das falas da protagonista, de que maneira a personagem dá conta de si como sujeito e assume, então, uma posição de sujeito contrária ao discurso de outrem, ou seja, o que discorda das normas da formação discursiva e ideológica do sistema patriarcal, que coloca a mulher em situação de inferioridade e muitas vezes de loucura. Trata-se, assim, de um trabalho de cunho bibliográfico, centrado na análise e interpretação do discurso da personagem Isabel.

Palavras-Chave: discurso do outro; mulher; loucura; Maria Valéria Rezende.

ABSTRACT

This article analyzes the discourse of the character Isabel das Santas Virgens, the protagonist of the novel "Carta à Rainha Louca" by Maria Valéria Rezende (2019). The character Isabel constructs her discourse based on emancipatory ideas and attitudes that come into conflict with the society of the time marked by the patriarchal system. Confined in a convent, the protagonist writes letters to the queen of Portugal, Maria I, considered the "Mad Queen". In these letters, Isabel denounces the arbitrariness of the representatives of the Portuguese crown against women, enslaved individuals, and the less privileged in general. The theoretical foundation was based on the postulates of Mikael Bakhtin on the discourse of the other, Candido on the fictional character, and Mary Del Priore on the madness historically attributed to women. The aim of the work is to show, through the analysis of the protagonist's speeches, how the character accounts for herself as a subject and thus assumes a

* Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras – Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – E-mail: rayanebatistavieira@gmail.com.

position contrary to the discourse of others, namely, one that disagrees with the norms of the discursive and ideological formation of the patriarchal system, which places women in a situation of inferiority and is marked by the representation of madness. It is, therefore, a bibliographic work, centered on the analysis and interpretation of the discourse of the character Isabel.

Keywords: discourse of the other ;woman; madness; Maria Valéria Rezende.

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo, realizamos um breve estudo do romance Carta à rainha louca, de Maria Valéria Rezende, publicado em 2019. O objetivo era analisar o discurso da personagem Isabel a fim de discutir as construções sobre a loucura atribuídas à mulher no Brasil Colônia. Trata-se assim de uma pesquisa bibliográfica, centrada em recortes do discurso da personagem protagonista.

Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil só a partir do século XX começaram a ser considerados nas pesquisas. Inicialmente, com o resgate de nomes de escritoras importantes, mas que para a historiografia literária estavam invisíveis. Muitas obras foram alçadas a um lugar de legitimação pelo valor histórico, cultural e estético. Conforme destaca a professora e pesquisadora da área Duarte (1994):

No que toca às linhas de pesquisas, inicialmente os trabalhos eram agrupados em torno de três grandes temas intitulados “Literatura e feminismo (enfoque sócio histórico)”, “Literatura e feminismo (enfoque psicanalítico)” e “Literatura e mulher (enfoque estético-formal)”. Mas, à medida que nos reuníamos e discutíamos os trabalhos, tornou-se evidente a necessidade de reformulação das linhas de pesquisa, tendo em vista as especificidades de nossas investigações, uma vez que elas terminam por se constituir na base de sustentação dos estudos sobre mulher e gênero, no quadro de desenvolvimento teórico-crítico contemporâneo. A atual configuração das linhas de pesquisa se organiza em torno de, principalmente, três grandes eixos que são: “Teoria e crítica feminista: vertentes”, “A questão do cânone” e “Gender - estudos de gênero”.

Nosso artigo está inserido nos dois últimos eixos, ou seja, a questão do cânone, uma vez que abordamos a obra de uma escritora contemporânea, e de gênero por tratar de uma temática relacionada à história das mulheres no Brasil colônia, mais especificamente a representação da loucura atribuída à mulher.

Realizamos um recorte de falas da personagem Isabel e a partir desses discursos, analisamos como a mulher no século XVIII lida com o sistema falocêntrico e os padrões hegemônicos impostos. O interesse de escrever sobre esse tema adveio do impacto emocional vivenciado com a leitura do livro de Maria Valéria e o envolvimento com o drama vivido pela personagem protagonista. Percebemos que a condição da personagem revela o sofrimento decorrente do abuso e da violência proveniente da organização hierárquica dos gêneros.

Percebemos também que a narrativa em estudo mostra a necessidade de falar de/para/entre mulheres, partindo do entendimento de que as expressões de gênero, sexo, mulheres ou outros são definidos contextualmente, e não previamente – como pelo biológico, por exemplo. Por isso, nosso objetivo é compreender o

processo de degradação do status social da mulher. Para isso, recorreremos à história, resgatando o seu compromisso com o presente, pois analisar e discutir o discurso da personagem é uma forma de conhecer a história de violência fundamental para desconstruirmos essas verdades naturalizadas que continuam atingindo as mulheres na contemporaneidade.

O romance de Rezende mostra-nos o quanto o período histórico dos séculos XVI- XVIII, de implantação do capitalismo e concretização do sistema patriarcal, foi decisivo para a divisão sexual do trabalho e o enclausuramento das mulheres no âmbito doméstico. Nesse contexto as mulheres perderam o direito a voz e o controle dos seus corpos. Além disso, as mulheres foram silenciadas e tiveram suas subjetividades negadas através do regime patriarcal, amplamente influenciado pelo capitalismo. Todas essas referências históricas estão presentes na trama tecida magistralmente por Maria Valéria Rezende.

Nesse contexto, as mulheres que representavam uma ameaça ao sistema patriarcal eram duramente punidas. Foi nessa mesma época que as denúncias de bruxaria aumentaram drasticamente, assim como os “primeiros fogos de um incêndio que iria abrasar a Europa das feiticeiras” (Perrot 2, p. 88). As que não eram mortas como “bruxas”, eram enclausuradas como loucas. As bruxas e as loucas eram todas as mulheres que ousavam desafiar as estruturas e os valores do patriarcado. Assim eram apartadas da sociedade por pensarem e agirem diferente. É o que acontece com a personagem Isabel das Santas Virgens, protagonista do romance Carta à Rainha Louca.

No trabalho refletimos, por meio da análise das falas da protagonista, de que maneira a personagem dá conta de si como sujeito e assume, então, uma posição contrária ao discurso de outrem, ou seja, o que discorda das normas da formação discursiva e ideológica do sistema patriarcal, que coloca a mulher em situação de inferioridade e marcado pela representação da loucura.

Para tanto, organizamos o artigo em três tópicos. Inicialmente realizamos uma breve apresentação da escritora Maria Valéria Rezende a partir de entrevistas cedidas pela escritora. No tópico seguinte, “Breves reflexões sobre discurso e a construção da loucura na história das mulheres”, situamos a discussão sobre os dois conceitos utilizados na análise: “discurso de outrem” e loucura. No último tópico, “Análise da construção da loucura atribuída às mulheres na fala da personagem Isabel”, apresentamos a personagem Isabel e analisamos seu discurso acerca da loucura que lhe é imputada.

2 MARIA VALERIA REZENDE POR ELA MESMA

Neste tópico realizaremos uma breve apresentação da escritora Maria Valéria Rezende a partir de entrevistas concedidas por ela nos últimos anos. Para tanto, selecionamos duas entrevistas: a primeira ao escritor Matheus Peleteiro em seu podcast, e a segunda ao Itaú Cultura no youtube. Existem, hoje, muitos trabalhos acadêmicos desenvolvidos na graduação e na pós-graduação sobre a vida e obra da autora. No entanto, neste artigo, apresentaremos Maria Valéria a partir de entrevistas concebidas por ela.

Escritora, educadora, tradutora, freira missionária, Maria Valéria Rezende destacou-se em suas obras literárias ao retratar a vida a partir da difícil realidade vivida por indivíduos menos favorecidos da sociedade. Maria Valéria nasceu em

Santos, na cidade de São Paulo, onde viveu até os 18 anos. Em 1965, entrou para a congregação de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho.

Dedicou-se à educação popular, primeiro na periferia de São Paulo e, a partir de 1972, no Nordeste, em Pernambuco e na Paraíba, onde vive até hoje. É formada em língua e literatura francesa, pedagogia e mestre em sociologia. Vencedora do prêmio Jabuti com o romance *Quarenta Dias* (2014), Rezende publicou sua primeira obra, *Vasto Mundo* (2001), aos 59 anos. Sua paixão pela educação popular veio ainda na sua infância, quando começou a frequentar as comunidades com o seu pai. Fazia leitura de seus escritos para as crianças das aldeias, considerando um aprendizado constante. Com uma mochila nas costas conheceu inumeráveis lugares, pessoas, comunidades, costumes e hábitos:

Aprendi logo desde cedo, sem saber, antes de Paulo Freire escrever isso, que o educador tem que ser antes de tudo, educando. Tem que aprender. Essa troca de saberes foi algo que me apareceu naturalmente na vida. E quando conheci Paulo Freire eu já sabia, e vi que ali era meu caminho.¹

Maria Valéria acreditava, assim como Paulo Freire, que o ensinar é, acima de tudo, uma troca de conhecimento, estando sempre em fase de transformação. Para ela, a educação popular é, e continua sendo, a pauta para seu processo estético e, no fundo, o tipo de literatura que ela escreve é consequência disso.

Para ela, seu ponto de partida na escrita apareceu, também, na infância, quando ainda vivia no meio rural:

A livraria mais próxima, estava a 200 quilômetros e assim mesmo não tinha tantas. Quando acabava, que eu já tinha lido quatro vezes cada coisa que eu tinha e não tinha a possibilidade de buscar mais leitura eu sentava e escrevia, também pelo prazer de escrever, pelo gosto das palavras que vinha da leitura [...]²

Segundo a autora, em sua construção literária, ela precisa achar a voz que conta a história, ou seja: quem conta? Por que conta? E como conta?

A resposta para as grandes questões da nossa vida não está no nosso íntimo. Está na compreensão do mundo à nossa volta. São os outros que me dizem isso. E é claro que isso também repercute dentro de mim e toma sua forma nesse encontro³

Sem a provocação que vem do outro, não há escrita. Assim, a literatura mais interessante é aquela que mostra cada particularidade do mundo por sua complexidade. Portanto, há uma necessidade de abertura para esse mundo que está 'fora'.

¹ Lero Podcast: EP. 12 - Matheus Paleteiro entrevista Maria Valéria Rezende. Entrevistada: Maria Valéria Rezende. Entrevistador. Matheus Paleteiro: Salvador, 02 de setembro, 2021. Podcast. Disponível em: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/1lero/episodes/EP--12---Matheus-Peleteiro-Entrevista-Maria-Valria-Rezende-e14sfs8/a-a66odar>. Acesso em: 10 de janeiro, 2024.

² Itaú Cultura. Maria Valéria Rezende:30 anos de pesquisa. Youtube. 09 de setembro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z0YpPWA6N6Y> Acesso em 10 de janeiro, 2024.

³ 1Lero Podcast: EP. 12 - Matheus Paleteiro entrevista Maria Valéria Rezende. Entrevistada: Maria Valéria Rezende. Entrevistador. Matheus Paleteiro: Salvador, 02 de setembro, 2021. Podcast. Disponível em: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/1lero/episodes/EP--12---Matheus-Peleteiro-Entrevista-Maria-Valria-Rezende-e14sfs8/a-a66odar>. Acesso em: 10 de janeiro, 2024

Neste artigo recolhemos a opinião da escritora sobre o objeto de estudo desta pesquisa, no caso "Carta à Rainha Louca". Uma obra literária que nos conduz a uma imersão profunda na história das mulheres. Ambientado no período do Brasil colônia, o romance narra a história de uma mulher que vive às margens da sociedade lutando pela sobrevivência enquanto reflete sobre sua condição social. Com autoria de Maria Valéria Rezende, reconhecida por sua habilidade em criar uma atmosfera densa e envolvente, a obra retrata a realidade com autenticidade.

O livro é composto por 143 páginas divididas em quatro capítulos, segue a trajetória de Isabel Das Virgens Santas, que escreve cartas à Rainha Maria I de Portugal, também conhecida como "Rainha Louca". Nas cartas, Isabel denuncia as violências cometidas pelos homens da coroa contra ela, Blandina, sua senhora, as demais mulheres e pessoas marginalizadas, ao mesmo tempo em que reflete sobre sua condição.

Assim, combinando uma linguagem histórica com uma crítica profundamente atual, a narrativa nos convida a questionar as injustiças assim como a concepção de loucura presentes na história das mulheres.

A protagonista envolve os leitores com sua força diante das repressões que sofre, ao mesmo tempo em que leva reflexões sobre questões atemporais de justiça, resistência e loucura. Neste tópico, buscamos analisar as falas da personagem Isabel com o objetivo de examinar a representação da loucura na obra.

Ao pesquisar a história da igreja no Brasil, Rezende percebeu que não havia histórias contadas por mulheres, ou seja, a partir da visão delas, eram apenas histórias de homens, e contadas a partir deles. Durante uma pesquisa, em arquivos históricos ultramarinos, sobre a vida religiosa no período colonial, em Portugal, a autora descobre, em processo incompleto, uma carta entre os documentos do século XVIII. Nessa carta uma mulher se defende da acusação de criar um convento clandestino, por meio de um discurso irônico.

Dessa forma, ela explica que sentiu a necessidade de contar a história dessa mulher, por nome de Isabel Maria. "Não era só uma questão de publicar o texto da carta dela; era imaginar⁴ tudo que essa mulher viveu e tudo que viviam essas mulheres. Comecei a conhecer e a imaginar". Embora não estivesse 'fazendo literatura' naquela época, a sensação de estar em falta para com aquelas mulheres sempre ficou, uma vez que buscava em seus recursos literários abordar questões sociais e políticas.

Mesmo com os arquivos sobre a história de Isabel já disponíveis, não se preocupou em ler sobre a vida dessa mulher em particular, mas, buscou dar voz a várias mulheres, por meio de uma. "[...] porque eu não quero contar a história de uma mulher. Eu quero me pôr no lugar, através da dica que aquelas mulheres que eu pesquisei me deram, me colocar no lugar delas, embora que com minha cabeça de hoje [...]"⁵.

Dessa maneira, é possível notar que Maria Valéria buscava colocar-se no lugar de uma mulher do século XVIII e dá-lhe voz, usando a autocensura da personagem para criticar o reino de Portugal, a colônia e a Igreja, pautado em um

⁴ Itaú Cultura. Maria Valéria Rezende:30 anos de pesquisa. Youtube. 09 de setembro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zOYpPWa6N6Y> Acesso em 10 de janeiro, 2024.

⁵ Itaú Cultura. Maria Valéria Rezende:30 anos de pesquisa. Youtube. 09 de setembro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zOYpPWa6N6Y> Acesso em 10 de janeiro, 2024.

pensamento feminista, que não era normal, comum, nem previsível na época. Assim, usa a rasura para mostrar a estranheza em seus pensamentos e no seu falar. Mostrando também ser um romance atemporal:

E, como estou escrevendo no mundo de hoje, e não estou numa torre de marfim isolada, vão acontecendo coisas desde que eu comecei a escrever que me despertam para outros aspectos da vida de sempre. E aí eu volto e recomeço.⁶

As discussões acerca do romance trazem não somente uma denúncia de uma mulher da época, mas também um estado atual de uma trama muito anterior, que se propõe a mostrar uma radicalização estrutural entre realidade e ficção.

Assim, com um olhar voltado para uma realidade social, Maria Valéria Rezende busca dar voz ficcional a uma realidade, colocando em evidência personagens que se encontram em um espaço de subalternidade e exclusão social, reafirmando seu interesse em mostrar a vida como ela é, a partir da profundidade de sua linguagem, explorando temas como injustiça, desigualdade, memória e identidade.

3 BREVES REFLEXÕES SOBRE DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DA LOUCURA NA HISTÓRIA DAS MULHERES

A Na obra “Marxismo e filosofia da linguagem”, Mikhail Bakhtin (1986) introduz o conceito do “discurso de outrem” demonstrando como o outro se incorpora ao discurso do sujeito para produzir sentido. Na visão do estudioso russo nenhum discurso é homogêneo, nem desprovido de sujeito, sendo sempre atravessado por outros discursos, ou outras vozes.

Na perspectiva discursiva bakhtiniana, a palavra enunciada:

[...] está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” (Bakhtin, 1986, p.88).

É nesse sentido que compreendemos as enunciações da personagem Isabel na obra “Carta a rainha louca”. Uma mulher crítica, inteligente que utiliza a palavra escrita como ferramenta de luta.

Mas, o que é discurso de acordo com a visão de Bakhtin? Para o estudioso russo, no livro Problemas da Poética de Dostoiévsky (1998),

Intitulamos este capítulo ‘O discurso em Dostoiévski’ porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 181).

⁶ Itaú Cultura. Maria Valéria Rezende:30 anos de pesquisa. Youtube. 09 de setembro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zOYpPWa6N6Y> Acesso em 10 de janeiro, 2024.

Para Bakhtin, discurso é a língua em uso por falantes que interagem de maneira concreta como sujeitos. Logo, o discurso encontra-se atrelado a esfera social. É por meio do princípio dialógico, intrínseco à linguagem, que ele se constrói. Bakhtin destaca também que essas relações dialógicas entre eles

não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendo-a como um estudo – ainda não-constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. (Bakhtin, 2008, p. 207).

A metalinguagem entende a língua não como um sistema abstrato, mas como um processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é a sua verdadeira substância (Bakhtin, 1986, p. 127).

O estudioso russo defende a natureza social e não individual da linguagem, ele situa a sua realidade material - língua -, bem como aos indivíduos que a usam, em um contexto sócio-histórico.

Logo para entender o discurso da personagem Isabel é preciso levantar alguns questionamentos: quem é a personagem? Qual o contexto no qual ela viveu? Que relações ela estabeleceu com os outros e os outros estabeleceram com ela? Por que ela foi considerada louca?

Por séculos a mulher foi estigmatizada como “louca”, “histérica” com base em discursos morais, religiosos, sexuais, econômico-sociais, dentre outros, com a finalidade de controlar e subjugar aquelas que não se encaixassem nos padrões estabelecidos pelas instituições de poder. De acordo com Michelle Perrot, a história da maioria dessas mulheres se perdeu e elas foram invisibilizadas, esquecidas e silenciadas:

A história é o que acontece, a seqüência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. [...] As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. (Perrot, 2012, p.16).

O filósofo francês Michel Foucault, em seu livro “História da loucura” (1978), apresenta um percurso histórico do que se considerava loucura desde os tempos medievais. Segundo ele, ao longo da história, a concepção de loucura mudou. Na antiguidade, eram considerados loucos aqueles que apresentavam comportamentos animalizados. Essa visão muda a partir de do pensamento cartesiano de Descartes, privilegiando a razão em detrimento de sentimentos e subjetividades. “Loucos” eram todos aqueles que incomodavam a sociedade, que apresentavam um comportamento que não era o esperado ou determinado, o que incluía mulheres contestadoras, por exemplo.

Toda mulher que ousasse infringir as normas estabelecidas era considerada perigosa, e quando não contidas, eram internadas em hospitais psiquiátricos, uma

vez que seus comportamentos transgressores exigiriam tratamento na tentativa de retomar à “normalidade” original. Conforme destaca Telles (1998, p.22):

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formula no século XVIII e se impõe à sociedade burguesa em ascensão, define a mulher, quando maternal e delicada, como a força do bem. O anjo do lar. Mas, ela é também potência do mal quando sai da esfera privada ou usurpa atividades que não lhe são culturalmente atribuídas. Torna-se então um monstro: bruxa, malvada ou decaída. Anjo ou monstro, este discurso que naturaliza o feminino coloca-o além ou aquém, mas sempre fora da cultura.

[...] Era como se o próprio ato de escrever fizesse surgir a figura da louca. Como em um sonho mau, uma mulher ensandecida e enraivecida rompia o silêncio com o qual nem ela nem sua autora podiam mais continuar concordando. Muitas vezes a escritora podia falar por si própria ao narrar como havia surgido por detrás da máscara plácida.

4 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA LOUCURA ATRIBUÍDA ÀS MULHERES NA FALA DA PERSONAGEM ISABEL

4.1 Quem é Isabel?

Uma mulher do século XVIII vivendo no Brasil Colônia e que se encontra enclausurada fisicamente em um mosteiro, mas intelectualmente anseia por liberdade, igualdade e justiça. Valores que não são encontrados no contexto histórico e cultural no qual está inserida.

Para lutar contra todas as adversidades sociais sendo solteira e pobre, recorre à única arma que tem a escrita epistolar, escrevendo à rainha D. Maria I, que também é considerada louca:

Senhora,
Perdoai, Vossa Majestade fidelíssima, a esta mulher- enlouquecida pelas penas do amor ingrato e de viu grandes vilanias cometidas por aqueles que se creem mais poderosos do que vós mesma – por vir-vos interromper, com o relato de seus sofrimentos de mínimo relevo, em vossas orações e em vossos atos régios tão urgentes para Vosso Reino e para aqueles de Deus. Por louca e desobediente encarceraram-me neste Recolhimento da Conceição [...] (Rezende, 2019, p.9).

Estamos diante de um relato dramático de uma mulher vivendo uma situação de violência extrema, aprisionada em uma “torre” por não se enquadrar nos padrões da época. Isabel das Santas Virgem estava trancada no convento do recolhimento da Conceição em Olinda, 1789. Toda narrativa acontece no Brasil Colônia, situada em um contexto em que as mulheres se encontravam em uma posição inferior, independentemente de sua condição social. Criou-se para ser a acompanhante de Blandina (filha do senhor de engenho para o qual seu pai trabalhava).

Considerada insana, ela relatava por meio de cartas as injustiças praticadas pelos homens da realeza contra ela e outras mulheres, bem como todos aqueles que estavam em situação de vulnerabilidade. Seus escritos relatam seu propósito em defender-se das acusações de insanidade, bem como relatar a situação da

mulher que estava fora das regras. Tendo sido abusada por Diogo Lourenço a quem se entrega acreditando nas falsas promessas de viagens e casamento, Isabel se vê abandonada e considerada louca por se rebelar contra a violência da qual foi vítima:

Como louca corri, com a carta na mão, atravesssei todo o convento sem nada ver, batendo-me contra móveis, colunas e gentes pelo caminho, como cega, de ódio ou de amor, não saberia dizer, saí pela porta afora e fui parar dentro daquele antro escuro a procurar por ele. Meus olhos, então, ainda ofuscados pelo forte sol das ruas, eram de fato incapazes de distinguir alguém nas sombras (Rezende, 2019, p. 105).

Frente ao abandono e as injustiças, Isabel para sobreviver passa a se disfarçar de homem passa a exercer a função de escrevente, trabalho que lhe rende ganhos considerados por ela como bons:

Fazendo-me de macho, dotado do talento da escrita bela e escorreita, munido de folhas de papel, uma boa pena de metal, um frasco de tinta, [...], me aventurei pelas ruas e tavernas, a ganhar tostões às custas de iletrados senhores” (Rezende, 2019, p. 114).

O domínio da leitura e da escrita como ferramentas de sobrevivência dos mais fracos e explorados na sociedade é um viés recorrente em todas as obras de Maria Valéria Rezende. A única arma da personagem Isabel era a escrita, pois o destino da mulher no Brasil colonial era apenas o casamento, mas esta condição era apenas para as que tinham dote, família tradicional branca e cristã e eram donzelas. Isabel não possuía nenhuma dessas características. Seu ofício como escritã em Salvador foi por pouco tempo, uma vez que temia ter sua identidade descoberta, decide viajar para a capital de Minas, centro econômico mais importante da época:

Montando a mula que recebi em pagamento de várias ordens régias falsificadas com perfeição para um rico clérigo, juntei-me a um bando que para lá se dirigia pelos caminhos do sertão, trazendo consigo tudo o que tinham e acolá faltava, podendo-se vender com muito lucro [...]. Para isso muito lhes serviam meus préstimos já que iletrados, não podiam nem se defender das fraudes nem fraudarem eles mesmos os contratadores dos caminhos, pontes e passagens onde não se pode escapar do recolhimento ou do furto (Rezende, 2019, p. 115).

Antes, porém, de adentrar a cidade de Sabará, Isabel é descoberta como mulher devido a sua menstruação que ao manchar suas roupas a denuncia para os companheiros de viagem:

[...] já às portas da vila de Sabará, traiu-me a natureza: ao saltar da montaria para apresentar aos oficiais da guarda minha perfeitamente falsificada certidão de batismo, viu-me um jorro de sangue manchar e escorrer pelo couro da sela e por entre as pernas de meu calção que já fora branco. Agarraram-me todos, por bem ou por mal, não sei, despiram-me das botas e do calção, não pude mais esconder quem sou e as vestes arrancadas me tomaram, meus instrumentos de trabalho e a pecúnia que eu com eles ganhara, já não me pertencia, já nada tinha a perder, senão uma vaga esperança de encontrar meu pai (Rezende, 2019, p. 116).

Como meio para sobreviver, Isabel recorre a uma nova dissimulação: o de uma beata andarilha que viaja de cidade em cidade, vivendo da caridade das

peças. Dessa forma, Isabel se torna uma espécie de líder de outras mulheres também impossibilitadas de se casarem ou de entrarem para a vida religiosa.

Mas, a organização e o crescimento do grupo de mulheres chamam atenção dos poderosos da época, sendo inclusive acusada pela Inquisição de criar uma ordem religiosa irregular. Em virtude disso, é condenada mais uma vez a reclusão, sendo levada ao recolhimento em Olinda. É lá que ela escreve seu relato endereçado à Rainha de Portugal.

4.2 Loucura ou transgressão: análise interpretativa do discurso da personagem Isabel

Sabe-se que as mulheres, por muito tempo, não tiveram suas histórias contadas, e eram vistas como um passado pouco relevante. Ao retratar a trajetória da mulher durante o período colonial, percebemos a predominância de uma sociedade ditada pelo patriarcado e a religião.

É claro que não se pode ignorar a grande participação das mulheres no comércio no século XVIII, o que mostra uma perspectiva dos casos de mulheres que buscavam romper com essa supremacia masculina, buscando uma vida independente. Todavia, muitas vezes tinham uma existência restrita a cuidar do lar e dos filhos, além do pouco acesso à educação, que era apenas voltada à educação moral e espiritual. Só no final do século XVIII é que a educação feminina começa a aparecer pela importância da sociabilidade dos sexos.

No capítulo intitulado “Psiquiatria e feminilidade”, da obra História das Mulheres no Brasil, de Mary Del Priore (2014), Magali Engel explora as técnicas empregadas por médicos e psiquiatras para diagnosticar a loucura nas mulheres. Engel (2004, p.294) destaca que o conhecimento psiquiátrico sobre uma mulher considerada “louca” se baseava na atenção dada aos aspectos ambíguos de sua sexualidade. A autora explica que, devido à percepção da mulher como um ser ambíguo, ela era alvo tanto de atributos positivos quanto negativos, o que as tornava socialmente temidas e vistas como perigosas.

Como resultado, as mulheres foram submetidas a um conjunto de normas que moldavam sua imagem de acordo com os padrões sociais, garantindo que fossem frágeis, dóceis e conformes os papéis tradicionais de esposa e mãe. Qualquer desvio dessas expectativas era considerado anormal e estranho, visto como uma negação da própria natureza feminina.

Ainda sobre a história da loucura, Mary Del Priore (2019) relata que os republicanos queriam “manchar” a história da família imperial da época. Por isso, eles os criticavam e ridicularizavam através de estereótipos. Carlota Joaquina, por exemplo, era vista como ninfomaníaca e Dona Maria I como “A louca”. Tornando-se o mal do século, a loucura era atribuída à melancolia e depressão que, na época, eram associadas à culpa pelo que passavam, sendo consideradas garantia de insanidade. Somente no final do século XIX a psicanálise conseguiu desassociar a questão religiosa da loucura, que até o século XVIII afirmava que a melancolia era um sopro do diabo:

Ouviram-me, sim, as outras que vivem entre as paredes deste ergástulo, de modo que me disseram lunática e, por castigo de meus gritos e convulsões, me trancaram numa cela, tomando-me por histérica ou mesmo possessa de um demônio [...] (Rezende, 2019, p.10).

Assim como aponta Del Priore, a personagem Isabel foi considerada louca por não se resignar diante das injustiças e por não se enquadrar nos preceitos institucionais da época.

Peço-Vos benevolência para com esta que Vos escreve uma carta assim desordenada, na qual muitas rasuras haverá, que delas não me poderei furtar por andarem-me as ideias à roda, de tal modo que eu mesma por vezes me suspeito insana. Como poderia eu, de outro modo, conceber as estranhezas que penso e jamais ouvir pronunciar por outrem? (Rezende, 2019, p.11).

Ao longo da obra, é perceptível que a personagem apresenta questionamentos e incertezas em relação à sua lucidez. Ela se vê como a única mulher indignada com as injustiças enfrentadas pelas mulheres ao seu redor, sem nunca ter ouvido outra expressar coragem semelhante às suas. Apesar de não concordar com sua condição de louca, escreveu sua história através de cartas para D. Maria I, por todos julgada “louca”, com o objetivo de expor as injustiças sofridas por aquelas que estavam fora das regras sociais impostas.

Em contraponto a sua estranheza, a protagonista mostra também seu desejo pela liberdade de pensar. No entanto, reconhece que essa liberdade é vista como loucura “[...] ou se são apenas verdade do meu desejo e do meu sonho, da liberdade de pensar, que outros consideram insanidade [...]” (Rezende, 2019, p.51). Isso mostra sua crítica à sociedade por calar aquelas que clamavam por justiça. Em uma época em que a escrita era “o ofício próprio dos homens [...]” (Rezende, 2019, p.100), Isabel usava sua única arma, e reconhecia que o saber das palavras era o que a mantinha sã:

Já as mulheres brancas que nada possuem, tal qual sou eu, que não servem para o trabalho nos canaviais e nas minas nem para parir criar cativas para seus senhores, sem dote para casar-se nem para tornar-se monjas dos mosteiros ou em simples recolhimentos desta terra, não estando destinadas a dá-se em matrimônio como penhor de aliança, não se podendo tampouco vendê-las ou não se querendo comprá-las, nada valem ainda menos se algum homem as desonrar à força, cousa tão fácil de acontecer nesta terra sem lei onde eles tudo podem. (Rezende, 2019, p.12).

Neste relato, percebe-se a exposição da realidade de uma mulher branca, pobre, solteira e sem dote, submetida a uma série de adversidades. A personagem também evidencia como o corpo feminino era tratado como um mero objeto de troca, sujeito a diversas formas de violência. Isabel denuncia a condição das mulheres que, dentro do ambiente doméstico, eram destinadas a servir aos homens e sofriam com leis mais rigorosas do que as impostas aos homens, [...] estão submetidas às leis dos homens que muito mais duras são para as fêmeas e só para elas se cumprem [...] (Rezende, 2019, p.10). Isso só evidencia como era conflitante as leis para homens e mulheres na época, tornando evidente a supremacia masculina nessas relações.

A personagem parece desafiar aqueles que tentam questionar a sua sanidade, sugerindo que sua própria clareza mental é evidente a ela mesma “Vede, vós mesma, como louca não sou quando não há quem se empenhe em me enlouquecer!” (Rezende, 2019, p.66). Sua busca pela liberdade e a recusa em se conformar com as perspectivas impostas pela sociedade faz com que ela seja rotulada como louca por aqueles que desejavam manter os estereótipos. É muito comum a sociedade rotular como loucura aquilo que foge da ‘normalidade’ ou/e do

cotidiano. Sempre que a personagem se mostrava contrária às leis dos homens, era novamente aprisionada. Rotular as mulheres como loucas era uma estratégia para invalidar os seus discursos:

Perdoai-me a rasura, Senhora, que me ia a pena correndo sem peias pelo papel. Corria a pena levada por inconvenientes palavras que teimam em me escapar do sítio onde trato de tê-las bem atadas no meu espírito – já que delas não me posso livrar – para que não me venham a fugir pela boca e dar razão a que, por louca me toma”. (Rezende, 2019, p.10).

Contudo, Isabel transforma a loucura que era uma forma de alienação, como um objeto de resistência e mostra a luta por sua própria sanidade. Com o predomínio do patriarcado a partir do século XVI, passou a predominar: homem/razão/discurso, ou seja, só o homem sabe, só o homem tem direito à fala. As mulheres foram proibidas de dizer/falar, pois seu discurso foi destituído da razão e do saber. “Que cousa tão lamentável, Senhora, sermos nós, mulheres, sem inteligência, como desde o berço nos fizeram ver o que somos” (Rezende, 2019, p.45).

Tanto no meio social quanto na literatura, as mulheres avançavam significativamente em busca de espaço. Na literatura lutavam para redefinir-se como seres que podem pensar socialmente, contudo, a imagem feminina era pautada da dupla personalidade, em um momento a mulher era encarregada do lar, em outro, ela era retratada como ameaçadora e desequilibrada, assim como afirma Telles:

O discurso sobre a natureza feminina [...] define a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem. Mas, ela é também potência do mal quando sai da esfera privada ou usurpa atividades que não lhe são culturalmente atribuídas. Torna-se então monstros: bruxa, malvada e decaída. Anjo ou monstro, este discurso que naturaliza o feminino, coloca-o além ou aquém, mas sempre fora da cultura. (Telles, 1998).

Essa dualidade de papéis e representações dificultou muito tempo o avanço da mulher fora dos seus lares: “lutavam sozinhas e este isolamento era sentido de enfermidade, alienação e loucura” (Telles, 1998).

Contrariando tais estereótipos, Isabel sentia-se livre para expressar seus ideais e defender-se diante dos homens:

Seria da preferência deles, como de todos os homens, bem sei, a mudez das mulheres, mas assim não quis Nosso Senhor ao dotar-nos, à revelia deles, de ideias e fala como as dos machos, e se me sentia livre para dizê-las diante d’Ele, tanto mais diante de quaisquer ignaros como me pareciam aqueles. Ninguém podia, porém, senão pela minha violência extrema, tolher a liberdade dos meus pensamentos e calar minhas palavras, que usei até o fim para dizer o quanto os desprezava, a eles, não mais que escória humana revestida de rendas, veludo e seda, recheada da gordura malcheirosa com que se empanturram, sujos e nojentos, e por mais que os chamem ouvidor, ou governador, ou oficial ou seja lá o que for que o chamem, dizendo serem dignos representantes de Vossa Realeza, senão me calassem a força eu os insultaria e escarraria em suas carantonhas sem cessar. (Rezende, 2019, p.118).

A personagem provoca uma reflexão sobre as normas sociais e religiosas que limitavam a liberdade de expressão das mulheres. No entanto, Isabel reconhecia que, se diante de Deus, não se envergonhava em dizer seus pensamentos, tão

pouco silenciaria sua voz diante daqueles homens que se subjugavam detentores do saber. A personagem sentia-se livre diante dos homens, tomando-os por igual:

[...] e por certo sabeis como são as imoralidades e crimes que perpetraram os homens poderosos de Vossos Reinos, aos quais uma pobre mulher não tem forças para opor e nada mais pode fazer senão voltá-los contra eles [...] (Rezende, 2019, p. 129).

A escrita de Isabel é designada a fazer justiça e denúncias a sensação de impotência em que viviam as mulheres no Brasil Colônia. Capazes de enfrentar as injustiças e limitações impostas pelo patriarcado, a personagem sabia que sua única arma era volta-se contra eles, já que não tinha nada a perder “Esta carta que Vos escrevo é minha última esperança. Se a perco, deixarei de lutar e só me restará morrer, coisa fácil de se obter nesta condição em que me encontro.” (Rezende, 2019, p.26).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui proposto buscou analisar os discursos da personagem Isabel das Santas Virgens, do romance *Carta à Rainha Louca* (2019), de Maria Valéria Rezende. Para tanto, foram feitos recortes da fala da protagonista, com o objetivo de discutir a construção da loucura atribuída à mulher no Brasil colônia. O estudo chega à conclusão que a personagem Isabel é alvo da repressão, dos estereótipos e das expectativas sociais atribuídas às mulheres da época. Podemos identificar na obra como a sociedade patriarcal do século XVIII patologiza e marginaliza as mulheres que desafiam as normas estabelecidas, atribuindo a elas o “diagnóstico” de loucura. Com isso, foi possível compreender como a construção da loucura na personagem Isabel refletem as pressões sociais e as injustiças enfrentadas pelas mulheres ao longo da história.

Para lidar com a violência a qual está submetida, a personagem recorre à escrita como forma de resistência e ferramenta de luta pela sobrevivência. Esta visão em relação à escrita, que se estende também à leitura, é um viés característico da literatura de Maria Valéria Rezende. Na maioria de suas obras, para não dizer em todas, ler e escrever são ferramentas para a transformação crítica e social dos sujeitos.

Com Isabel, pudemos compreender que a loucura era frequentemente utilizada como ferramenta para desqualificar o discurso de uma mulher. Rotular uma mulher como louca era uma tática convincente adotada pelos homens para desacreditar aquilo que ela expressava.

Para tanto, os estudos feitos através de Engel (2004), Michel Foucault (1978) e Telles (1988) foram de suma importância na construção desse estudo, uma vez que nos permitiram compreender de que forma a loucura atribuída ao discurso feminino se deu ao longo da história.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lucia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DUARTE, C. L. (1994). **GT: A Mulher na Literatura: História e Perspectiva**. Revista Da Anpoll, 1(1). Disponível em: <<https://doi.org/10.18309/anp.v1i1.218>>

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e feminilidade**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 270 à 303.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Itaú Cultura. **Maria Valéria Rezende:30 anos de pesquisa**. Youtube. 09 de setembro, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z0YpPWa6N6Y>> Acesso em 10 de janeiro, 2024.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

PRIORE, Mary Del. **D. Maria I: as perdas e as glórias da rainha que entrou para a história como “a louca”**. São Paulo: Benvirá, 2019.

REZENDE, Maria Valéria. **Carta à Rainha Louca**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

1Lero Podcast: EP. 12 - Matheus Paleteiro entrevista Maria Valéria Rezende. Entrevistada: Maria Valéria Rezende. Entrevistador. Matheus Paleteiro: Salvador, 02 de setembro, 2021. Podcast. Disponível em: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/1lero/episodes/EP--12---Matheus-Peleteiro-Entrevista-Maria-Valria-Rezende-e14sfs8/a-a66odar>. Acesso em: 10 de janeiro, 2024.

TELLES, Norma. **Sonhos e iluminações das mulheres loucas da literatura**. Disponível em: <https://www.normatelles.com.br/mulheresloucas> Acesso em 10 de maio de 2024. Publicado in *ESCRITA (Revista de Literatura)* Ano XIII – nº 39 – 1988, pp.22-26, com o título “Sonhos e iluminações das mulheres loucas da literatura” e ilustrações.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que de forma singular me conduziu até aqui.

Aos meus pais, Rosa e Raife, por todo amor, cuidado e sacrifício ao longo dos anos, que foram a inspiração por trás de toda minha vida acadêmica.

As minhas irmãs, Rayssa e Laryssa, pela força e por sempre acreditarem.

Ao meu namorado, Matheus, pelo incentivo diário, por acreditar em mim e por toda compreensão ao longo desse processo.

Agradeço também aos professores, em especial, a minha orientadora, Ana Lúcia, pela orientação, incentivo e paciência. Seu apoio foi fundamental ao longo desse processo e desenvolvimento deste trabalho.

Gostaria de expressar minha gratidão aos amigos que fiz nesta instituição, em especial, Thais, Maria Clara, Josiérica e Ana Syntia, sem vocês, nada disso seria possível.

Muito Obrigada a todos que contribuíram de alguma forma para este trabalho. Sua ajuda e apoio foram inestimáveis.